

Casos de Sucesso

Volume 2 - 2020



Árvores Plantadas e Sociedade



Diálogo Florestal

Casos de Sucesso
Árvores Plantadas e Sociedade

Volume 2

Organização
Fernanda Rodrigues

Apremavi
Atalanta, SC
2020

Série Casos de Sucesso

© Árvores Plantadas e Sociedade

Realização

Diálogo Florestal

Organização

Fernanda Rodrigues

Textos

Adauta Oliveira Braga, Camila Raquel da Silva Oliveira, Edilaine Dick, Emílio André Ribas, Fausto Rodrigues Alves de Camargo, Farley Joel Almeida Araújo, Fernanda Cardoso Gusmão, Giordano Bruno Barbosa Automare, Israel Batista Gabriel, Jair Pelegrin, Lindomar Schimitz, Luis H. Shimizu, Marcos Alexandre Danieli, Marcos José dos Santos, Marcus Fusco, Rafaela C. Sella Erthal, Sérgio Adeodato, Suellen F. Pavanelo da Silva e Uilson Roberto Bezerra de Paiva

Revisão e edição

Interact Comunicação

Comissão Avaliadora

Andrea Azevedo, Rodrigo Castro e Sérgio Adeodato

Fotos

Agradecemos gentilmente a todos os fotógrafos e instituições que cederam sem custos fotos para compor essa publicação.

Foto de Capa

© Divulgação Suzano – Programa Colmeias

Projeto Gráfico

Adaptação de projeto de Fábio Pili por Ana Cristina Silveira

Diagramação

Ana Cristina Silveira / Anacê Design

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP)

A795

Árvores plantadas e sociedade / organização Fernanda Rodrigues.
– Atalanta, SC : Apremavi, 2020.
24 p. : il. color ; 27 cm. – (Casos de sucesso ; v. 2)

Acima do título: Diálogo florestal.

ISBN 978-65-992445-0-6

1. Projetos de desenvolvimento florestal. 2. Florestas – Aspectos sociais – Brasil. 3. Desenvolvimento sustentável – Brasil. 4. Economia florestal. I. Rodrigues, Fernanda III. Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida IV. Série.

CDD – 634.9280981

Sumário

5 **Prefácio**

6 **Apresentação**

7 **Avaliação dos Casos**

8 **Caso 1 • Programa Colmeias**

Israel Batista Gabriel, Giordano Bruno Barbosa Automare
e Fausto Rodrigues Alves de Camargo

12 **Caso 2 • Programa Matas Sociais – Planejando
Propriedades Sustentáveis**

Uilson Roberto Bezerra de Paiva, Marcos Alexandre Danieli,
Camila Raquel da Silva Oliveira, Emílio André Ribas, Marcos
José dos Santos, Rafaela C. Sella Erthal, Edilaine Dick, Suellen
F. Pavanelo da Silva, Jair Pelegrin, Lindomar Schimitz, Marcus
Fusco, Luis H. Shimizu

18 **Caso 3 • Projeto Aflorar**

Fernanda Cardoso Gusmão, Farley Joel Almeida Araújo
e Adata Oliveira Braga

22 **Menção honrosa • Resgate de abelhas nativas e
fortalecimento da cadeia de valor da meliponicultura**

Tiago dos Santos Barros, Warlei Coutinho, Jerônimo Villas-Bôas,
Deisiane da Silva Ribeiro, Tássia Ribeiro Cobucci, Decimar Shultz
e Claudia Cristina Belchior

24 **Sobre o Diálogo Florestal**



Prefácio

Uma das oportunidades de que mais me orgulho nestes muitos anos de trabalho no jornalismo, quase totalmente dedicados à cobertura de temas de sustentabilidade, foi a de ter conhecido, vivenciado e registrado a íntima convivência entre o ser humano e as florestas – nativas ou plantadas, não importa. Sei bem o que significa essa relação, que pode não ser tão romântica assim. Para além das crises, descobrir espaços de diálogo é inspirador, ainda mais quando envolve o complexo desafio de conciliar interesses pelo uso da terra, cada vez mais apertada para tanta gente no planeta.

Nas últimas décadas, foram muitas visitas de campo a projetos de grandes empresas florestais. Presenciei o histórico abraço de um grande empresário do setor a uma liderança do MST, até então opositores no conflituoso Sul da Bahia. Conheci projetos de manejo na Amazônia, vi de perto o trabalho das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão, escorreguei nas trilhas do Parque das Neblinas na Mata Atlântica paulista. E jamais esquecerei aquela singela anta que me recepcionou como relíquia da natureza, na sede da reserva biológica em Telêmaco Borba, no Paraná – região onde voltei por outras duas oportunidades, para entender o trabalho de restauração florestal junto à agricultura familiar.

Enfim, coleciono experiências do Mato Grosso do Sul ao Espírito Santo, onde um dia acordei às 4h da manhã para acompanhar cientistas na gravação de sons raros de passarinhos ao redor do eucalipto. Aves, aliás, como a majestosa harpia que habita a floresta de uma empresa de celulose na região de Porto Seguro (BA). É um alento constatar nesses lugares que sociedade civil e iniciativa privada, juntas, direcionam esforços socioambientais, sem a dependência de governos. O Brasil e o mundo precisam.

Assim, compor o comitê de avaliação da mais recente edição da série “Casos Sucesso” do Diálogo Florestal, sob o tema “Árvores Plantadas e Sociedade”, foi mais do que olhar para trás e simplesmente revistar ações que um dia me fizeram refletir sobre o futuro. A oportunidade de agora mostra novas histórias, numerosas e variadas nas abordagens, prova do amadurecimento dessa relação. Da apicultura com comunidades indígenas à regularização ambiental e inclusão produtiva da agricultura familiar, as iniciativas aqui destacadas indicam que o caminho está certo e não parece – nem deve – ter fim.

Sergio Adeodato

Jornalista especializado em sustentabilidade e autor do Caderno do Diálogo sobre silvicultura e comunidades

Apresentação

Em 2018, o Diálogo Florestal definiu seus objetivos e metas até 2022. Entre as metas estava “Publicar material com pelo menos três casos de sucesso que atestem o bom manejo florestal em nível de microbacia, evidenciando o antes e o depois no que tange a recursos hídricos”. Esse foi o tema da publicação lançada em 2019 durante o Encontro Nacional realizado em Belo Horizonte (MG). Participantes do Diálogo Florestal gostaram tanto da proposta, que a plenária aprovou que a iniciativa não fosse pontual, mas realizada todos os anos.

Para a edição de 2020, o tema escolhido para o volume dois pelo Comitê Executivo e pelo Conselho de Coordenação foi “Árvores Plantadas e Sociedade”. Formou-se um comitê de avaliação independente, que elaborou com meu apoio o Termo de Referência para a chamada pública, aberta por 40 dias para receber histórias sobre boas práticas na relação do setor de plantações florestais com a sociedade.

Este volume da série “Casos de Sucesso” inicia com uma breve descrição dos critérios utilizados para seleção dos casos de sucesso, apresentando também a Comissão Avaliadora especialmente formada para julgar os trabalhos recebidos. Andrea Azevedo, Rodrigo Castro e Sérgio Adeodato aceitaram o convite para compor a Comissão sem qualquer remuneração e realizar a avaliação dos casos às cegas, sem informação do nome ou localização dos casos recebidos.

Na sequência, são apresentados os casos vencedores na ordem em que foram eleitos. Excepcionalmente, esta edição traz uma menção honrosa a um projeto que apesar de não ter figurado entre os três mais bem pontuados, apresentou características importantes, o que levou a Comissão a incluí-lo nesta publicação.

No total foram recebidas 14 candidaturas de todas as regiões brasileiras. O Diálogo Florestal acredita que para além de dar notoriedade aos casos mais bem avaliados dentro dos critérios definidos, a definição e divulgação desses critérios por si só já é um resultado importante – apesar de intangível. Boas práticas devem ser compartilhadas e difundidas pois têm o poder de inspirar. Boas intenções devem ser seguidas de ações e esforços para amplificar alcance e impactos positivos. Em tempos de pandemia, que esta publicação possa inspirar e nos ajudar a restaurar a confiança nas pessoas que lideram e trabalham dia a dia para o bem da sociedade.

Fernanda Rodrigues

Secretária Executiva Diálogo Florestal

Avaliação dos casos

Buscou-se identificar as melhores práticas da relação do setor florestal de plantações com comunidades, povos indígenas, quilombolas, trabalhadores e/ou a sociedade em geral através da pontuação do caso relacionada aos seguintes critérios:

1. Escala, impacto e abrangência

- Consideração à escala e impacto. Uma pequena empresa/proprietário (a) pode ter um excelente projeto considerando a escala de suas operações. Uma grande empresa pode ter um projeto que beneficia mais pessoas, porém devido à escala/abrangência de suas operações não é significativo naquele determinado contexto;
- Impacto positivo para além das propriedades da empresa/projetos;
- Potencial e relevância dos impactos gerados;
- Número de comunidades/famílias/povos indígenas/quilombolas e o total de pessoas envolvidas/beneficiadas;
- Potencial de replicação e escalabilidade do projeto (interno, para expansão futura ou potencial para envolver outros parceiros);
- Inclusão de outros setores;
- Soluções de longo prazo, ações estruturantes que se incorporem à realidade local;
- Realização de acompanhamento/monitoramento e avaliação das atividades.

2. Geração de valor

- Geração de valor compartilhada na cadeia florestal;
- Promoção de geração de renda diversificada;
- Melhoria da qualidade de vida;
- Educação / oportunidade de formação em temas centrais para o contexto em questão (por exemplo, melhoria na organização e na capacidade de gestão das organizações locais, sustentabilidade, cadeias produtivas etc.)
- Fortalecimento social e redução de dependência de apoio assistencial.

3. Engajamento social

- Parcerias com outras organizações com atuação local, poder público etc;
- Resolução de conflitos, criação de canais efetivos de comunicação, nível de estruturação dos processos de interação e promoção do diálogo;
- Inovação na integração de aspectos sociais, econômicos e ambientais, abordagens inovadoras para solucionar problemas recorrentes ou históricos;
- Nível de engajamento social (consulta da percepção das pessoas/comunidades envolvidas, participação social na construção de soluções e na tomada de decisões, etc.);
- Colaboração para a organização social no território.

Puderam participar empresas, organizações e/ou proprietários (as) rurais interessados (as) que atuassem no setor florestal e que sejam as responsáveis pelo projeto.

A Comissão Avaliadora independente composta por Andrea Azevedo, Rodrigo Castro e Sérgio Adeodato avaliou às cegas com base nos critérios acima os casos recebidos. Os três casos vencedores e a menção honrosa são apresentados a seguir.

CASO 1

Programa Colmeias

Israel Batista Gabriel, Giordano Bruno Barbosa Automare e Fausto Rodrigues Alves de Camargo

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

A Suzano SA, empresa resultante da fusão entre a Suzano Papel e Celulose e a Fibria, é líder mundial na fabricação de celulose de eucalipto e uma das maiores fabricantes de papéis da América Latina. Com operações de 10 fábricas, além da *joint operation* Veracel, tem capacidade instalada de 10,9 milhões de toneladas de celulose de mercado e 1,4 milhão de toneladas de papéis por ano. Para abastecimento de todas as suas plantas industriais, a Suzano maneja mais de 1,3 milhões de hectares de eucalipto no Brasil. Tem como pilar central em sua estratégia de negócio, princípios de sustentabilidade que norteiam as principais decisões da companhia. O case do Programa Colmeias é uma das iniciativas da Suzano que gera e compartilha valor para o negócio e para a sociedade.

A economia da região sudoeste paulista gira em torno da agricultura e de atividades florestais com extensas áreas predominantemente com plantios de eucalipto e pinus. Nesse cenário, proporcionar meios de utilização múltipla da floresta é conciliar o desenvolvimento econômico com o desenvolvimento socioambiental, agregando valor, geração de renda às comunidades e melhoria na qualidade de vida dos beneficiados. Inicialmente, implantado em 2005, no município paulista de Capão Bonito (SP), o Colmeias utiliza esse contexto para promover o desenvolvimento local por meio do fomento da cadeia apícola.

A iniciativa surgiu da demanda crescente de interessados em utilizar as áreas florestais da Suzano para a exploração apícola e da necessidade da formalização e estruturação da apicultura no município. Diante disso, o projeto Colmeias surge como meio facilitador para a incorporação de um programa social como ferramenta para o desenvolvimento dos grupos de apicultores locais, propondo ações como a utilização do potencial apícola das áreas das empresa (as colmeias são instaladas dentro da floresta de eucalipto),



Pasto apícola Suzano



Fotos: © divulgação Suzano

Florada do eucalipto

capacitação e assistência técnica gratuita ao manejo e produtividade das colmeias, organização dos apicultores em associações e/ou cooperativas, gestão do negócio, entre outras ações.

Fotos: © divulgação Suzano



Colmeia de Apis Melifera em apiário consorciado com floresta de eucalipto

No ano de 2006, as atividades se expandem para demais áreas da empresa existentes na Bacia do Alto Paranapanema devido às demandas de apicultores nos demais municípios. O número de apicultores participantes do projeto amplia e, conseqüentemente, a produção de mel. A expansão promove a necessidade da empresa de gerar metodologias para replicação em outras regiões e definição da área territorial de atuação, priorizando os municípios da região do sudoeste paulista. Três associações com apicultores das comunidades locais são estruturadas (Capão Bonito, Itapetininga e Itapeva).

Em 2007, o desenvolvimento de metas teve como objetivo consolidar as atividades apícolas em âmbito regional, a partir do fortalecimento de associações de apicultores. Com os bons resultados obtidos, em 2011 surge um novo desafio: transformar o projeto em programa de apicultura da Suzano e replicar a metodologia em todas as unidades da empresa no Brasil. Já com a metodologia e estruturação do programa consolidada, nos territórios onde o estágio técnico de desenvolvimento da apicultura estava avançado, foram desenvolvidas práticas que pudessem agregar valor aos produtos oriundos da apicultura e que esses produtos acessassem novos mercados de comercialização por meio de políticas públicas como PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE – Merenda Escolar, programas do governo federal que têm por objetivo fortalecer a agricultura familiar.

A certificação orgânica do mel produzido foi a primeira conquista de agregação de valor para os apicultores. Em 2013, 90 toneladas de mel foram certificadas



Produção de mel e manejo de abelhas em áreas da Suzano

como Mel Orgânico pelo Associação de Certificação Instituto Biodinâmico (IBD), que garante a qualidade e procedência do produto 100% natural e livre de resíduos e contaminação. Essa ação teve um impacto de aproximadamente 30% de valorização no preço de comercialização do mel e foi fundamental para facilitar a inserção do mel na merenda escolar das escolas municipais dos municípios do sudoeste paulista, obtido por meio da articulação da Suzano com apicultores e prefeituras municipais.

INOVAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO

A metodologia aplicada ao Programa estabelece uma parceria sólida entre empresa e produtores da agricultura familiar, apicultores e comunidades, inclusive as tradicionais, como indígenas e quilombolas. A estratégia de desenvolvimento do Programa prevê a inclusão de todos os apicultores locais interessados, independente de seu nível técnico e experiência na atividade apícola. Grupos de jovens e mulheres têm se destacado no engajamento ao Programa e correspondem a 30% do público. Propor novas tecnologias, seja visando à produtividade ou ao gerenciamento do negócio também tem papel fundamental no desempenho da iniciativa.

Mas, a principal característica que diferencia o Programa é a iniciativa de fomento à autonomia dos grupos de apicultores. Com foco na gestão sustentável das associações de produtores, é incentivada a criação de fundo de reserva para subsidiar o próprio desenvolvimento dos grupos de apicultores do programa. Para cada colmeia

instalada em apiários nas áreas florestais da Suzano, dois quilos de mel produzidos dentro das áreas são direcionados para o fundo de reserva das associações anualmente. O fundo garante recursos e fluxo de caixa para as operações de beneficiamento, envase e comercialização, conectados à movimentação das economias locais. Além da agregação de valor, nesse caso por meio da certificação orgânica da produção e acesso a políticas públicas, com essas práticas é possível fechar todo o ciclo da cadeia apícola: gestão, produção e comercialização.

CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO DE PÚBLICOS ESTRATÉGICOS

Inicialmente, um dos grandes desafios do Programa era conciliar o potencial da atividade e a demanda com o uso da floresta, devido ao perigo de fogo que a apicultura proporciona ao negócio florestal (Incêndio - maior risco ao empreendimento). Tal dificuldade foi sanada em virtude da mobilização dos interessados (comunidade, apicultores e empresa) que por meio de parcerias com demais instituições se capacitaram a fim de mitigar esse risco. Técnicos e demais colaboradores da Suzano têm uma participação ativa no programa, seja na operacionalização e mapeamento de áreas para instalação de colmeias ou no gerenciamento, diagnósticos etc. Parcerias com o poder público e conexão direta com planos governamentais para fortalecimento da cadeia produtiva foram estabelecidas, ampliando a relevância e a estratégia territorial do programa.



Fotos: © divulgação Suzano

Oficina prática em manejo de abelhas



Benefícios da floresta

ATITUDE EMPREENDEDORA

Com a ampla abrangência do Programa nas localidades de atuação, o aumento no número de participantes e o aumento da produção, ficou clara a necessidade de que além de se produzir o mel, era preciso beneficiar e envasar o produto nos municípios ou regiões, o que traria um retorno econômico muito maior. Para isso, foram feitas concessões/comodatôs de áreas construídas para utilização como Casa do Mel e entrepostos, além do estabelecimento de parcerias com instituições como o SEBRAE, BNDES, iniciativa privada e poder público através de secretarias municipais e prefeituras.

COMPROMETIMENTO COM METAS E MONITORAMENTO DOS RESULTADOS

Os principais resultados obtidos são provenientes da organização dos apicultores em associações ou cooperativas. Atualmente, o Programa Colmeias é desenvolvido nos Estados da Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Pará e Tocantins, atende 1.014 famílias em 42 associações de produtores, que somam juntos quase 20.000 colmeias dentro das áreas florestais da empresa no Brasil.

A produtividade também é alta. Em 2018, houve recorde de produção. Foram produzidas aproximadamente 2 mil toneladas de mel com uma média de produção de 45 quilos de mel por colmeia/ano. Como parâmetro, no mesmo ano, a média brasileira, segundo a Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), foi de 17 quilos de mel por colmeia/ano.



Apiário experimental em áreas da Suzano

A produção de mel do Programa Colmeias no Estado de São Paulo já chegou a representar 30% da produção paulista e até 80% da produção do Estado do Espírito Santo. O bom desempenho é consequência do acompanhamento técnico qualificado e gratuito oferecido pelo programa. Uma equipe de Assistência Técnica e Extensão Rural desenvolve em conjunto com os apicultores o plano produtivo anual e estabelece as diretrizes de produção com ênfase em processos de melhoramento genético, nutrição e sanidade das abelhas.

O mel da florada do eucalipto possui certificação orgânica, o que garante a procedência e a qualidade de um mel 100% natural e livre de resíduos, fruto do manejo realizado pelos apicultores e da certificação das florestas de eucalipto que agrega valor ao produto. Essa característica abriu para o produto o mercado da exportação e, em 2013, foi exportado pela primeira vez aos Estados Unidos. Atualmente, o produto também é exportado para os mercados europeu e asiático, com negociações em andamento para o mercado do Oriente Médio.

Em 2018, durante a realização do Congresso Brasileiro de Apicultura realizado em Joinville/SC, a Confederação Brasileira de Apicultura, entidade máxima representativa do setor, declarou o Programa Colmeias como o maior programa privado de apicultura do país em abrangência e impacto, conferindo ao Programa importante contribuição para a sustentabilidade da cadeia produtiva no Brasil.

Com a estruturação do Programa de apicultura, a meta é auxiliar os leques produtivos (mel, geleia real, própolis, pólen, apitoxina, néctar) da atividade apícola de cada região, estabelecendo polos de produção com desafio de viabilizar o enorme potencial que existe dentro das florestas plantadas para as comunidades vizinhas, fortalecendo ainda mais a cadeia do mel e contribuindo com o desenvolvimento local e a geração de renda. Importante destacar também que as atividades desenvolvidas proporcionam ações ligadas diretamente às questões ambientais, ao promover práticas de baixo impacto ambiental como o incentivo à meliponicultura, abelhas nativas sem ferrão e o repovoamento das abelhas responsáveis pela polinização natural das plantas e responsáveis pela polinização, segundo estudos, de até 70% dos alimentos produzidos no mundo.

Conectado e relacionado aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) e também diretamente à meta de longo prazo da Suzano em contribuir para que 200 mil pessoas saiam da linha de pobreza nos municípios de atuação até 2030, o Programa busca auxiliar o processo de desenvolvimento territorial e a sustentabilidade desses grupos de agricultores familiares em iniciativas que podem ser consorciadas com a presença das áreas florestais da Suzano. A apicultura se mostra potencialmente interessante, pois os agricultores podem acessar áreas de plantios de *Eucalyptus* spp. da empresa, em harmonia com as operações de manejo florestal e, com isso, ampliam os usos e funções para estas áreas, muitas vezes vizinhas às suas propriedades.

CASO 2

Programa Matas Sociais – Planejando Propriedades Sustentáveis

Uilson Roberto Bezerra de Paiva, Marcos Alexandre Danieli, Camila Raquel da Silva Oliveira, Emílio André Ribas, Marcos José dos Santos, Rafaela C. Sella Erthal, Edilaine Dick, Suellen F. Pavanelo da Silva, Jair Pelegrin, Lindomar Schimitz, Marcus Fusco, Luis H. Shimizu.

INTRODUÇÃO

O programa Matas Sociais – Planejando Propriedades Sustentáveis tem como objetivo o fortalecimento ambiental, social e econômico de pequenas e médias propriedades rurais. A iniciativa incentiva a agricultura familiar e auxilia pequenos e médios produtores rurais nas etapas de produção, desde a adequação ambiental à comercialização de produtos nos mercados locais. Inclui ações de formação, melhorias e diversificação da propriedade e incentivo ao associativismo e cooperativismo, facilitando o acesso às novas oportunidades de mercado e de desenvolvimento regional.

É uma iniciativa da Klabin S/A, em parceria com a Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (Apremavi) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), com apoio das prefeituras locais, agricultores, associações e cooperativas.

ÁREA DE ATUAÇÃO E PÚBLICO

O programa é realizado desde 2015 no Estado do Paraná, nos municípios de Imbaú, Ortigueira e Telêmaco Borba. Em 2018, foi ampliado para Reserva. Em julho de 2019, para mais cinco municípios, por conta dos bons resultados conquistados: Sapopema, Curiúva, São Jerônimo da Serra, Tibagi e Cândido de Abreu (**Figura 1**).

O público prioritário são as famílias agricultoras das mais de 96 comunidades envolvidas até o momento, sendo dez assentamentos da reforma agrária, duas comunidades faxinais e uma comunidade quilombola. Também participam professores, gestores públicos, lideranças



© Marcos Alexandre Danieli

Programa Matas Sociais fortalece aspectos ambiental, social e econômico de pequenas e médias propriedades rurais

comunitárias, extensionistas rurais, buscando a articulação institucional e a definição de agendas em comum para ampliar o potencial de transformação.

RESULTADOS

Elevação da renda de pequenos produtores rurais dedicados à agricultura familiar. Aumento da produção de alimentos e venda para novos mercados. Redução do uso de agrotóxicos. Apropriação de novas tecnologias. Organização produtiva. Educação inclusiva. Esses são alguns dos resultados obtidos ao longo dos últimos cinco anos pelo programa Matas Sociais. Os dados fazem parte de um levantamento socioeconômico e ambiental, a partir de pesquisa com um grupo de 60 participantes do programa.

Figura 1
Mapa da área de atuação do programa Matas Sociais, Paraná

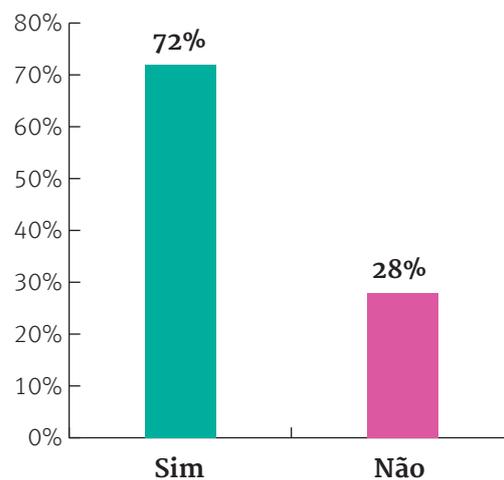


A pesquisa compara os dados do final de 2019 com os colhidos no começo do programa, em 2015, e reforça o alcance dos objetivos da iniciativa: a permanência dos agricultores no campo a partir do exercício de uma atividade econômica relevante. Já para a população dos municípios atendidos, os benefícios têm relação direta com a saúde, já que passaram a ter acesso a uma alimentação de qualidade, com produtos locais. Para a Klabin, é a concretização de sua Política de Sustentabilidade, pautada no apoio ao desenvolvimento local das comunidades onde atua. O programa contribui no atendimento de 11 das 17 Metas do Milênio, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

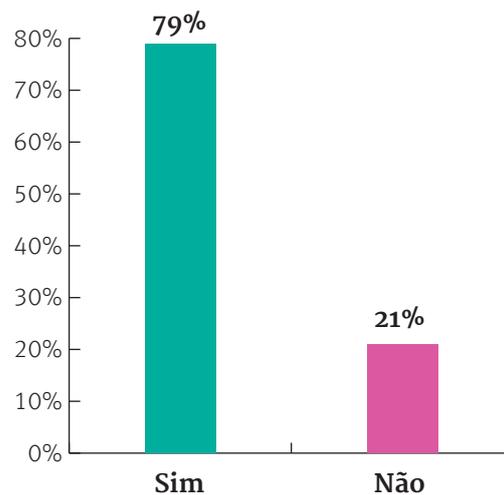
Mais de 70% dos participantes declararam que tiveram aumento de renda após a participação no programa. Desses, 45% notaram incremento entre 20% e 60% no faturamento de suas propriedades. Em relação à

Figura 2
Resultados do levantamento socioeconômico e ambiental

Houve aumento de renda?



Teve algum investimento em construção, equipamento ou tecnologia ao ponto dos últimos dois anos?



comercialização dos alimentos, metade dos entrevistados afirmam ter conseguido ampliar sua rede, de vizinhos e feiras locais para cooperativas, restaurantes e grandes empresas de alimentos. O bom desempenho nas vendas foi estímulo para o aumento da produção, registrado em 57% das propriedades consultadas. Aliado ao aumento de renda, 79% dos agricultores investiram em melhorias na propriedade (Figura 2).



Fotos: © Marcos Alexandre Daniel

Hortifruti produzidos são usados também para a alimentação de animais do Parque Ecológico da Klabin em Telêmaco Borba

Eduardo Oliveira Schneider Filho, da comunidade Palmital, em Ortigueira, é um dos agricultores beneficiados. Ele tinha pouca renda e trabalhava fora da propriedade. Agora, produz banana orgânica e vende parte da produção para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Ele está ampliando a produção e já percebe uma mudança significativa no ambiente da propriedade, com a melhora na renda e o envolvimento dos filhos na produção.

Mais de 80% dos produtores consideram que o Matas Sociais trouxe benefício ou mudança para a propriedade em questões ambientais. Exemplos são os mais de 1.800 hectares de vegetação nativa demarcadas e protegidas, incluindo áreas de preservação permanente e 700 nascentes, e mais de 220 mil mudas nativas plantadas nos projetos de restauração. Outro ponto que se destaca é a diminuição da utilização de agrotóxicos, citada por 66% dos agricultores, que afirmam ter reduzido o uso desse recurso devido à orientação dos consultores, busca por alternativas menos agressivas, diversificação da produção e até a perspectiva de acessar o mercado de orgânicos.

Emília Denkieski, da comunidade Areia Preta, em Imbaú, mudou da produção convencional para a agroecológica com o apoio do Matas Sociais. Ela incrementou a renda familiar comercializando pelas redes sociais cestas de produtos orgânicos certificados, com mais de 3.700 cestas vendidas diretamente do produtor ao consumidor.

Já são 550 propriedades em processo de adequação ambiental, em ações proativas que antecedem e contribuem com a adesão dos agricultores ao Programa de Regularização Ambiental (PRA) no Estado do Paraná. No planejamento e na diversificação da produção, são 400 agricultores familiares recebendo consultoria técnica especializada em olericultura (orgânica e convencional), pecuária leiteira e de corte, fruticultura, avicultura, agroindústria (Serviço de Inspeção Municipal – SIM), associativismo e cooperativismo. Os agricultores já foram incluídos em mais de 200 ações de formação. Considerando a família agricultora, são mais de 2 mil pessoas beneficiadas diretamente.

Foram desenvolvidas 13 oficinas de Educação Ambiental, envolvendo a criação de pomares, hortas, sistemas de coleta de água da chuva para irrigação, compostagem de resíduos orgânicos, paisagismo, alimentação saudável, além da realização de visitas técnicas de estudantes em propriedades rurais atendidas pelo Programa.

O trabalho de planejamento de propriedades vai ganhando força e escala e é fortalecido com a análise da paisagem. Destaque à realização da oficina técnica participativa sobre “Diálogo do Uso do Solo”, que permitiu a identificação de 15 áreas rurais prioritárias para conservação da biodiversidade e dos recursos naturais, 11 para restauração, 16 com potencial para o desenvolvimento de atividades de produção sustentável e oito áreas urbanas e comunitárias que merecem especial atenção.



Mais de 70% dos participantes declararam que tiveram aumento de renda após a participação no programa

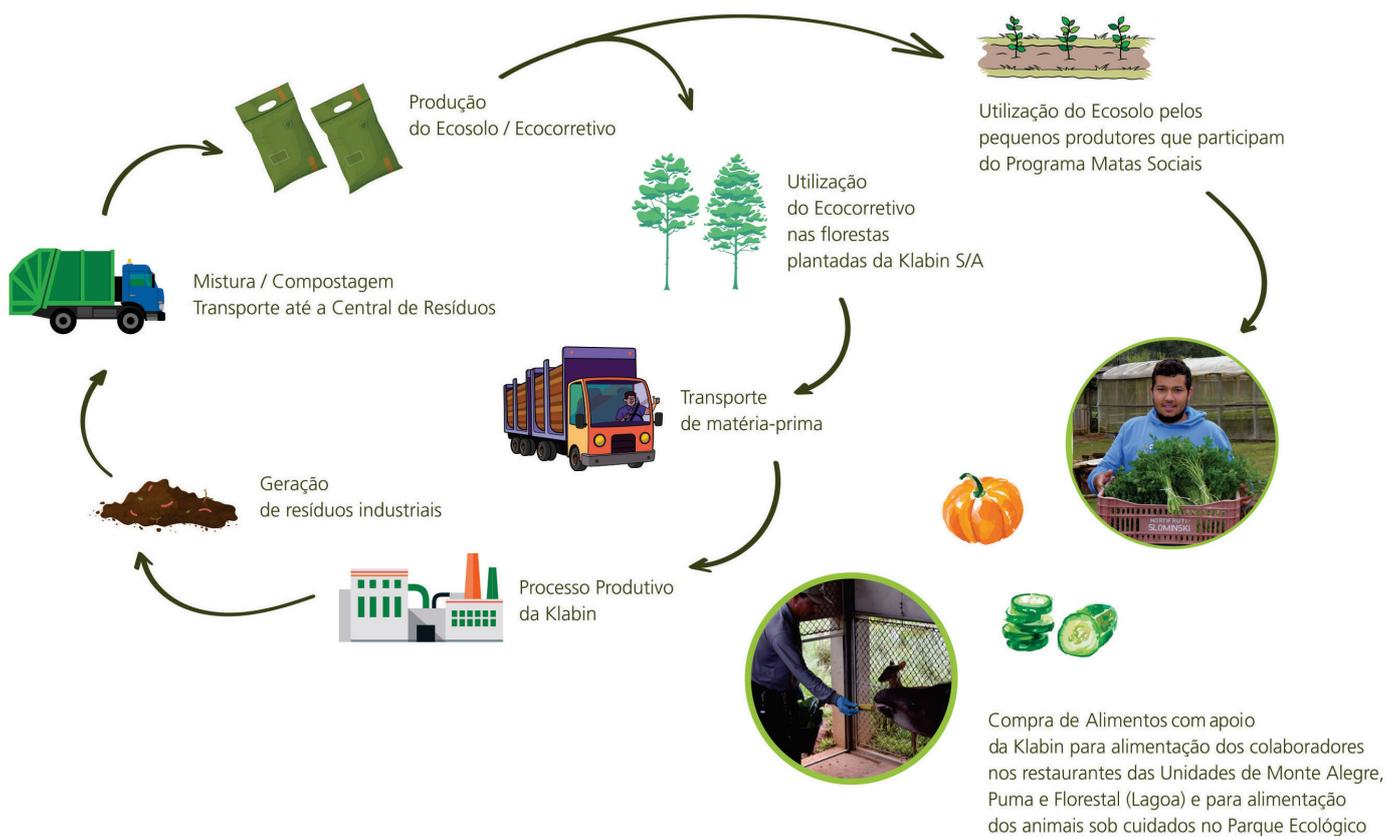


Educação ambiental é uma das atividades desenvolvidas pelo Programa

Em uma dessas áreas foi realizado o trabalho de “restauração de manancial de abastecimento público e educação ambiental”, considerado um caso de sucesso no bom manejo florestal e recursos hídricos¹.

Fechando o ciclo de sustentabilidade, e aplicando o conceito de economia circular, parte dos resíduos gerados no processo produtivo da Unidade Puma e Monte Alegre, da Klabin, são transformados em Ecosolo (material orgânico sólido) numa central de resíduos da região e doados às propriedades integrantes do Matas Sociais para correção de pH do solo e nutrição de plantas, na linha do planejamento de propriedades sustentáveis. Parte dos alimentos produzidos é comprada para a alimentação dos colaboradores nos restaurantes industriais dessas mesmas Unidades e para alimentação dos animais sob cuidados no Parque Ecológico da Klabin (Figura 4).

Figura 4
Etapas da economia circular



1. https://dialogoflorestal.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Publicacao_Casos-de-Sucesso_Volume1.pdf



Fotos: © Marcos Alexandre Daniel

Programa também incluiu restauração de mananciais

MATAS SOCIAIS INSPIRA AGRICULTORES A INOVAREM NA PANDEMIA

A pandemia do novo coronavírus fez a Klabin rever a rotina e ajustar vários detalhes para garantir a proteção dos colaboradores e da comunidade. Foi assim nas operações e também nos programas e projetos sociais, incluindo o Matas Sociais. Os encontros presenciais foram prejudicados pela pandemia. Locais para onde os produtores vendiam seus produtos fecharam ou reduziram o fluxo de clientes: as escolas e as feiras locais.

A solução encontrada para garantir o andamento do programa e apoiar os participantes neste momento tão difícil foi potencializar o uso da tecnologia. Os encontros presenciais foram substituídos pelos virtuais. Foi em um desses que surgiu outra boa ideia: e se eles criassem um sistema de *delivery*?

A equipe do Matas Sociais identificou essa oportunidade e sugeriu às cooperativas e associações, que toparam o desafio. Como a maioria não tinha experiência no mercado de vendas por *delivery*, o Programa esteve lado a lado deles para ajudá-los a tirar a ideia do papel.

Ivone Ramos Coelho, presidente da Cooperativa dos Apicultores e Meliponicultores Caminhos do Tibagi (Coocat-Mel), de Telêmaco Borba, comenta que, como todo mundo, tiveram que se adaptar e pensar em meios de venda para os produtos. “Quando a Klabin veio com a ideia da venda de cestas de produtos da agricultura familiar, achamos ótimo. Recebemos muito apoio para criar o serviço e o resultado tem sido muito bom. É uma renda a mais para a cooperativa, que está vindo em um momento muito importante”, destaca.

As ferramentas virtuais também estão sendo usadas pelo Matas Sociais para continuar levando informação aos participantes. Além de trocar áudios, fotos e vídeos, o Programa também preparou uma série de *podcasts* informativos para que os produtores continuem trabalhando na melhoria de suas propriedades.



© Marcos Alexandre Daniel

Produtos são comercializados em feiras livres das comunidades

CONSIDERAÇÕES

O Programa Matas Sociais tem alcançado o mérito de aproximar agricultores familiares, que sabem e querem produzir, do mercado local de consumo, que demanda uma grande quantidade de produtos hortifrutigranjeiros, mas que infelizmente ainda trazia essas mercadorias de regiões mais longínquas. Com isso, inclui a agricultura familiar na cadeia de alimentos e estimula a economia local e a sustentabilidade da produção em uma das regiões mais pobres do Estado do Paraná. São ações que contribuem com o planejamento de propriedades e com a formação de paisagens produtivas sustentáveis, que aliam organização social, qualidade de vida, aumento de produtividade e conservação da biodiversidade e serviços ecossistêmicos.

CASO 3

Projeto Aflorar

Fernanda Cardoso Gusmão, Farley Joel Almeida Araújo
e Adauta Oliveira Braga

SOBRE A NORFLOR

A empresa Norflor está localizada na bacia do Rio Jequitinhonha, divisa entre os municípios de Grão Mogol, Padre Carvalho e Josenópolis, norte do Estado de Minas Gerais, na região do Polígono da Seca e área de atuação da Agência de Desenvolvimento do Nordeste (Adene).

Iniciou sua atuação em 2007, porém as áreas foram ocupadas por plantios florestais entre as décadas de 70 e 80. Hoje, abrangem aproximadamente 34 mil hectares, dos quais 35% são destinados à conservação ambiental, ou seja, para cada hectare plantado, em média 0,7 são preservados.

Conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, os municípios onde a empresa atua apresentam Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) baixos, o que evidencia as dificuldades e as carências da região.

Com vistas a reverter esse quadro, a Norflor promove crescimento econômico sustentado e inclusivo na área onde tem influência, a fim de melhorar o padrão de vida local. Uma das premissas da atuação da empresa é realizar compras e contratações prioritariamente na região. Atualmente, a empresa gera 751 empregos diretos e indiretos.

A partir de um maior conhecimento sobre os municípios e a dinâmica relacional historicamente vivida entre as cidades e o cultivo do eucalipto, a Norflor identificou forças, fragilidades, ameaças e oportunidades, o que norteou o planejamento de ações estratégicas para atuação da empresa nas comunidades. Dentre elas, destaca-se o projeto social denominado Aflorar.

PROJETO AFLORAR

O Projeto Aflorar foi concebido para atender famílias com alto índice de vulnerabilidade social, oferecendo orientação e acompanhamento no plantio de hortas orgânicas e sistema agroflorestal (Quintais Florestais). Dessa forma, o Projeto contribui com a melhoria da qualidade de vida das famílias, tanto por meio da segurança alimentar, quanto com o incremento de renda e a diversificação econômica local, utilizando dos saberes e práticas artesanais da comunidade como elementos fundamentais para o alcance de excelentes resultados.

O primeiro passo para a implantação foi realizar um estudo socioambiental que permitisse conhecer o perfil das comunidades, o modo de vida local, fomento e costumes para traçar um diagnóstico da situação atual e direcionar a aplicação do projeto sob os pilares: sustentabilidade econômica, social e ambiental.



© Fernanda Gusmão

Oficina Educação Ambiental

Concluiu-se que, nessas comunidades, os agricultores familiares tinham carência de oportunidades viáveis e seguras, o que desmotivava principalmente os mais jovens. Constatou-se, também, que muitos agricultores ou integrantes adultos das famílias, deslocavam-se para os grandes centros urbanos em busca de trabalhos sazonais, enquanto a mulher assumia a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos.

INSTITUIÇÃO DO PROJETO AFLORAR

Para determinar os beneficiados pelo projeto foram estabelecidos critérios de prioridade considerando: relacionamento, conflitos sociais eminentes, nível de dependência econômica, presença de lideranças formais e informais, engajamento e aptidão agrícola. Em atendimento a esses critérios, foram selecionadas, então, comunidades em cada um dos três municípios de atuação da Norflor.

Para definição do sistema de cultivo, contou-se com a parceria da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que realizou resgate histórico com cada uma das famílias pertencente às comunidades selecionadas. Nesse resgate, cada uma delas escolheu suas espécies, personalizando o quintal a sua maneira e levando em consideração aquelas que traziam memórias afetivas e com as quais já possuíam habilidades, como as espécies frutíferas do cerrado e frutíferas comuns. Em muitos quintais, o componente arbóreo escolhido foi de crescimento mais rápido, o que possibilitou a inserção das culturas já no primeiro ano do projeto.



Oficina produção de hortaliças

Por meio das parcerias com Emater e UFMG foram realizadas oficinas educativas e capacitações para os agricultores, de forma a fortalecer as habilidades, os conhecimentos e as potencialidades da comunidade. As hortas individuais trazem diversificação na alimentação diária das famílias e a horta comunitária promove trabalho e renda em associação.

Além de custear os insumos, a Norflor desenvolveu um plano de negócios para que as famílias tivessem opções de mercado na venda da produção de seus quintais.



Horta comunitária

Fotos: © Fernanda Gusmão



Fotos: © Fernanda Gusmão

Oficinas de produção e de plantio de mudas

Contratualmente, os restaurantes que fornecem alimentação aos colaboradores da empresa passaram a adquirir produtos diretamente no município, especificamente dos participantes do Projeto. Além disso, as famílias são estimuladas a atuar em feiras e vendas locais, e os produtores foram orientados a adquirir a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), o que os habilita a participar de editais de compras nas escolas.

IMPACTOS SOCIAIS

Os principais resultados alcançados pelo Projeto Aflorar foram:

- Engajamento dos participantes na continuidade e autonomia em replicar o projeto;
- Inserção de alimentos saudáveis ao consumo diário, melhorando a qualidade da alimentação de mais de 500 pessoas diretamente beneficiadas pelo projeto;
- Aperfeiçoamento do conhecimento e inclusão de novas técnicas de cultivo por meio das oficinas;
- Regularização dos agricultores habilitando-os a participar de licitações;
- Incremento da renda das famílias com as vendas porta a porta, para os restaurantes fornecedores da Norflor e feiras livres;
- Ocupação remunerada para as mulheres, já que há escassez de oportunidades de emprego na região;
- Melhoria no relacionamento e diálogo entre comunidades e Norflor, o que permitiu o alcance de um índice de favorabilidade ao manejo realizado pela empresa de 89% em 2019.

Na maioria dos casos, o terreno do quintal era árido, sem sombra e com erosão. Com o projeto, além do desenvolvimento humano, fonte de alimentação e renda, houve a recuperação de áreas visivelmente degradadas.



© Fernanda Gusmão

Feira livre em Padro Carvalho

Outro benefício adicional foi a autonomia das mulheres, que puderam assumir o protagonismo das atividades, já que as tarefas do manejo não prejudicam seus trabalhos diários e sua responsabilidade pela casa. Isso significou grande avanço no projeto e contribuiu para uma maior inclusão do gênero.

A Norflor conseguiu apoiar, através do Projeto Aflorar, mais de 100 famílias e estimular o empoderamento socioeconômico das comunidades como caminho para o desenvolvimento das localidades em que atua.

Concluindo, a Norflor conseguiu apoiar, através do Projeto Aflorar, mais de 100 famílias e estimular o empoderamento socioeconômico das comunidades como caminho para o desenvolvimento das localidades em que atua.

Resgate de abelhas nativas e fortalecimento da cadeia de valor da meliponicultura

Tiago dos Santos Barros, Warlei Coutinho, Jerônimo Villas-Bôas, Deisiane da Silva Ribeiro, Tassia Ribeiro Cobucci, Decimar Shultz, Claudia Cristina Belchior

No município de Aracruz, no litoral do Espírito Santo, a empresa Suzano tem realizado um projeto em parceria com os povos indígenas Tupiniquim e Guarani: a meliponicultura – criação de abelhas nativas sem ferrão. A atividade integra o Plano de Sustentabilidade Tupiniquim e Guarani (PSTG), programa fundado em 2012 com o objetivo de promover a coexistência saudável e sustentável entre a comunidade indígena e o empreendimento.

A criação de abelhas nativas envolve relevantes aspectos para a sustentabilidade do território indígena: do ponto de vista cultural, mantém um costume tradicional dos povos Tupiniquim e Guarani; do ponto de vista econômico, os produtos das abelhas nativas contribuem para a segurança alimentar e oferecem uma alternativa para geração de renda; do ponto de vista ambiental, o serviço de polinização oferecido pelas abelhas colabora com a regeneração de florestas nativas e com a produtividade de pomares e roças. A principal abelha criada é a Uruçu-Amarela (*Melipona mondury*), nativa da região e produtora de um mel muito apreciado.

No início do projeto, entre 2012 e 2014, o principal desafio foi resgatar as abelhas, que estavam praticamente extintas na região. Partindo de poucas matrizes iniciais, um trabalho cuidadoso de multiplicação foi e segue sendo realizado. Em 2020, mais de mil colônias de abelhas nativas são manejadas no território Tupiniquim e Guarani de Aracruz por aproximadamente 70 famílias indígenas.

Com as abelhas resgatadas e meliponários estruturados, em 2015 foi iniciada a comercialização de mel, pólen e cera. O conjunto de produtos deu vida à linha Tupyguá, uma marca 100% indígena cuja construção foi totalmente protagonizada pelos meliponicultores, fortalecendo a identidade cultural e o pertencimento desse empreendimento comunitário.

Em 2018, para viabilizar a comercialização formal dos produtos Tupyguá, foi fundada a Cooperativa de Agricultores Indígenas Tupiniquim e Guarani de Aracruz (Coopyguá). O trabalho com as abelhas nativas motivou a criação da cooperativa, mas o objetivo dos cooperados, com apoio da Suzano, é também comercializar outros produtos de excelente qualidade obtidos na terra indígena, como farinhas de mandioca, urucum, pimenta do reino, polpas de fruta etc. Mais informações do projeto estão disponíveis em www.tupygua.com.br.



Tupyguá, mel maturado de abelhas nativas

Diálogo Florestal

O Diálogo Florestal é uma iniciativa inédita e independente que facilita a interação entre representantes de empresas, associações setoriais, organizações da sociedade civil, associações de classe ou que congreguem diferentes interesses, universidades, centros de ensino e/ou pesquisa. Nasceu destinado a implementar uma nova maneira de dialogar entre setores historicamente antagônicos, como por exemplo empresas do setor de base florestal e organizações ambientalistas.

O Diálogo Florestal brasileiro existe desde 2005 e foi inspirado no The Forests Dialogue (TFD), iniciativa internacional, que existe desde 1999 e tem organizado fóruns internacionais sobre questões-chave para o manejo florestal sustentável e a recuperação de ecossistemas ameaçados. Concebido para promover o entendimento e a colaboração entre esses grupos em nível mundial, o TFD foi idealizado por organismos como o Banco Mundial, o World Resources Institute (WRI), WWF, IIED e o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD).

Conselho de Coordenação

Carem Zanardo (Stora Enso), **Beto Mesquita** (Instituto BVRio), **Daniel Venturi** (WWF Brasil), **Edilaine Dick e Miriam Prochnow** (Apremavi), **Ivone Satsuki Namikawa e José Artêmio Totti** (Klabin), **Jacinto Lana** (Cenibra), **Marcelo Pereira e Rafael Baroni** (Suzano S.A.), **Maria Dalce Ricas e Elizabete Lino** (Amda), **Maurem Kayna Lima Alves** (CMPC Celulose Riograndense) e **Danielle Celentano e Miguel Moraes** (Conservação Internacional)

Secretaria Executiva Nacional

Fernanda Rodrigues

Comitê Executivo

Maria Dalce Ricas e Elizabete Lino (Fórum Florestal Mineiro), **Edilaine Dick** (Fórum Florestal Paraná e Santa Catarina), **Gilmar Dadalto** (Fórum Florestal do Espírito Santo), **Marcio Braga** (Fórum Florestal Bahia), **Murilo Mello** (Fórum Florestal Paulista)

APOIO



www.dialogoflorestal.org.br

